



📌 A OBJEÇÃO DO TEMPO À NEUTRALIDADE*

Sílvia Elena Tendlarz

Doutora em psicologia Universidade de Salvador/Buenos Aires
 Diploma de Mestrado em Psicologia clínica e patológica/Universidade de Rennes
 Doutorado no Département de Psychanalyse/Paris VIII
 Docente do Programa de Treinamento Clínico/Universidade Buenos Aires
 Membro da Escola de Orientação Lacaniana (Argentina)
 Membro da Associação Mundial de Psicanálise
stendlarz@fibertel.com.ar

Resumo:

Trata-se de interrogar o que é a neutralidade analítica. A homologação identificatória da massa de analistas de acordo com um standard? O padrão de medida de um tratamento guiado pela indiferença? O desdém pelo particular, pelo que difere, pelo que não entra na norma, em definitivo, pelos estilos de gozo? A esta utopia liberal se opõe o real que se furta velado pelo fantasma neutral. Tentarei explicitar esta crítica a partir da oposição entre decisão e suspensão na temporalidade que intervém no dispositivo analítico.

THE TIME AS AN OBJECTION AGAINST ANALYTICAL NEUTRALITY

Abstract:

This is about questioning what analytical neutrality is. The identifying homologation from the analysts according to a standard? The pattern treatment guided by indifference? Not accepting what is different and private? Reality opposes to this liberal utopia, veiled by neutrality. I will try to explain this criticism from the opposition between decision and suspension that interferes in the analytical discourse.

O que é a neutralidade analítica? Seria a homologação identificatória da massa de analistas de acordo com um standard? O padrão da medida de um tratamento guiado pela indiferença? O desdém pelo particular, pelo que diferencia, pelo que não entra na norma, definitivamente, pelos estilos de gozo?

A ditadura da opinião é satirizada por Voltaire em sua *Pequena Digressão* [1]. De acordo com a decisão do ditador, os cegos atribuem uma única cor a suas vestimentas, o branco, ainda que nada do que ostentem seja desta cor. Diante da inevitável revolta, a ordem se restabelece através da suspensão do juízo quanto à cor de sua roupa. O juízo é suspenso diante da alternativa entre homogeneização e

decisão.

Jacques-Allain Miller, ao retomar esta digressão, indica que a "suspensão" do juízo ante a falta de experiência sensível que, em definitivo é diante da castração, "é uma maneira de fazer com Outro barrado: na ausência de saber, renunciar ao ato"[2]. A esta utopia liberal se opõe o real que se furta velado pelo fantasma da neutralidade.

Graciela Brodsky me fez observar o matiz crítico da neutralidade que envolve este parágrafo de Miller. Tentarei explicar esta crítica, a partir da oposição entre decisão e suspensão na temporalidade[3] que intervém no dispositivo analítico.

1. O narrador

A "poética analítica", expressão introduzida por Miller[4], que permite apreender de outra maneira a narrativa que compõe a análise, envolve tanto o narrador, que é o analisante, quanto o lugar a partir de onde se sustenta a narrativa, o analista.

Na última proposta feita por Ítalo Calvino em seu livro intitulado *Seis propostas para o próximo milênio* [5], ele se ocupa daquilo que chama de arte de começar e terminar a escritura de uma novela. Isto pode aproximar-se rapidamente da experiência analítica, uma vez que seu trajeto pode ser pensado como um longo relato no qual o sujeito, na medida em que dá forma épica à estrutura, escreve sua própria novela. Novela que, no dizer de Lacan, descreve o amor do sujeito pela verdade.

Para Calvino, o começo é um instante crucial porque é um momento de uma escolha: diante da possibilidade de dizer tudo de inúmeras maneiras, o sujeito abre mão desta chance ilimitada para chegar a dizer alguma coisa, de modo subjetivo, através da aceitação das regras que, neste caso, seria a da associação livre orientada pelo princípio de dissimetria[6].

E mais, trata-se de desprender-se da multiplicidade de histórias possíveis, para isolar e tornar narrativa a história que decidiu contar, escolha, podemos acrescentar, determinada pelo próprio fantasma. Ítalo Calvino insiste em que a linguagem tem que chegar a coincidir com o que queremos contar. Sem dúvida, esta busca corresponde ao estilo que inclui o gozo do sujeito e que fica impregnado em sua modalidade de narrativa.

Com fins ilustrativos, Calvino retoma o livro *O narrador de Benjamim*[7]. O narrador era quem transmitia a experiência numa época na qual a capacidade dos homens para aprender com a experiência ainda não havia se perdido. Trata-se de captar um acontecimento isolado na sua singularidade que nos diga algo sobre o sentido da vida. O esforço do analisante para capturar aquilo que diga respeito ao sentido de seu gozo segue a mesma orientação, visto que se trata de isolar através da repetição significativa o enquadre fantasmático que aloja esta história sem fim que marca a fogo seu estilo de gozo. Este é um tempo de compreender que expressa uma suspensão temporal que dá conta das "bodas do amor e da verdade", também chamado de amor ao saber, para que consiga, assim, dar um passo a mais que lhe permitirá encontrar uma saída.

2. A pressa lenta

Qual será a direção do lado do analista e como a neutralidade intervém?

A neutralidade analítica - estabelecida como posição de neutralidade em relação às paixões, às condições de gozo e ao próprio fantasma - ocorre tanto do lado do standard proposto pela IPA, como na orientação lacaniana, mas de diferentes maneiras de acordo com os princípios que orientam a prática analítica.

Do lado da IPA, a neutralidade toma como ponto de partida a presença de um ideal - I(A) - de como se dirige o tratamento, pelo qual a suspensão do juízo se confunde com a indiferença - de acordo com o equívoco de sua tradução em espanhol[8]-, diferentemente da "tomada de posição" que caracteriza o analista lacaniano. A suspensão no analista de sua própria contratransferência, através da indiferença e do juízo de atribuição, se torna uma duplicação da suspensão fantasmática do lado do analisando.

Em contrapartida, na orientação lacaniana, a suspensão do fantasma e do gozo que se encontra do lado do analista, que o torna propenso a encarnar o semblante, se funda na falta estrutural do S(~~A~~) que faz com que a neutralidade permita que o desejo do analista encarne uma temporalidade diferente daquela proposta pela IPA. Já não se trata só da suspensão, mas do instante e da presa para concluir característica do ato analítico. Presa que, ao mesmo tempo, encarna a lentidão necessária para o advento subjetivo[9]. Trata-se de perturbar a fixidez fantasmática do paciente dada pelas suas condições de gozo que petrificam o tempo e mantêm o sujeito suspenso na repetição que se expressa num eternizado tempo de compreender.

Na verdade, o standard proposto pela IPA e a prática lacaniana não são igualmente neutros. O vazio intermediário, segundo a expressão retomada oportunamente por Lacan[10], no qual se localiza o analista na prática lacaniana, o situa mais do lado da *Gelassenheit*[11], da serenidade com a qual o vazio central é povoado, que da indiferença proposta pela IPA.

A decisão, a tomada de posição, se opõe, assim, à neutralidade indiferente e permite que, por sua vez, a suspensão do lado do analisante se torne uma decisão que o extraia da continuidade temporal narrativa e o introduza a descontinuidade do tempo de concluir.

A lógica das sessões curtas segue esta orientação e mostra que a pressa e o corte estão incluídos em cada sessão, não atuando apenas no final de uma análise. O estilo, o tato ou o gosto de cada analista determina as modalidades do ato analítico que intervém, oportunamente, no corte de cada sessão. A

compreensão do tempo aponta para a redução extraída da continuidade que finalmente se revela como o elemento neutro que é o objeto *a*, objeto asemântico e assexuado. Definitivamente, cada corte de sessão coloca em jogo a decisão que envolve o tempo como objeção à neutralidade. No interior do dispositivo o tempo compete, ali onde a pressa se opõe à suspensão temporal.

3. A conclusão da narrativa e seu resto.

Na conferência de Ítalo Calvino evocada acima, o escritor indica que qualquer que seja a maneira como a história termina, o importante da narrativa é o sentido que adquire este segmento isolado de acontecimentos extraídos da continuidade daquilo que narra. Das múltiplas possibilidades desembocase numa posição da qual se desenha um ponto de perspectiva. No entanto, sempre fica algo por dizer, mesmo que se esgotem as histórias, ainda assim, segue-se contando.

No final da análise a narrativa do escritor de uma novela se separa definitivamente da do analisante. O texto resultante de uma análise não sustenta o ainda por dizer, mas produz um efeito de separação: a letra escrita durante a análise se separa do narrador e introduz uma nova temporalidade que concerne ao "tempo de fazer-se o ser". Tempo que supõe uma subtração da influencia dos poderes do destino e introduz em seu lugar as contingências do encontro que supõe "fazer acaso do real". A decisão do analisante concerne a esta porta de saída na qual intervém o resto e o saber fazer com isso que se é, saber fazer com o resto pulsional que nunca cessa de trabalhar[12]

A decisão que intervém do começo ao final da análise expressa a objeção do tempo à neutralidade analítica como contraponto da suspensão temporal. A decisão concerne ao ato e à pressa em concluir, e funciona tanto do lado do analista como do analisante. Isto se verifica em cada sessão, daí a marca particular que deixa sua brevidade. Do lado do analista se expressa uma política da direção do tratamento, do lado do analisante, a operatividade não surge somente ao final senão que também envolve os diferentes momentos de atravessamento do fantasma se traduzem em mudanças de posição subjetiva.

O resto do esvaziamento semântico, o objeto *a*, define finalmente o termino. E assim, o Real que escapa, se conjuga com a decisão que comporta o saber fazer com o sintoma.

Tradução: Rachel Amin de Freitas.

Revisão: Rosa Guedes Lopes.

* Este trabalho é o resultado do tema eleito por mim no cartel da AMP composto por: A. Abeles, G. Brodsky (mais um), S. Geller, M. Marchesini e S. Tendlarz.

[1] Diderot, *Pequeña digresión*.

[2] MILLER, Jacques-Alain **Le niveau de Lacan**. Paris: Verdier, 2003, p. 297.

Ibid., - **O sobrinho de Lacan**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

[3] [...] No que concerne à temporalidade seguiremos os desenvolvimentos expostos. (MILLER , "Los

usos del lapso", (1999-2000). Buenos Aires: Paidós, 2004.

[4] MILLER, Jacques-Alain **Un effort de poésie**, curso inédito (2002-2003).

[5] CALVINO, Ítalo **Seis propuestas para el próximo milenio**. Madrid: Siruela, 1998.

[6] BRODSKY, Graciela O princípio da dissemetria. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n.37, p35- 39, set. 2003

[7] BENJAMÍN, W. **El narrador**: Para una crítica de la violencia y otros ensayos. Madrid: Taurus, 1998.

[8] LUKA , A Variantes de la neutralidad analítica, apresentado nas Noches de la EOL.

[9] LAURENT, Eric El tiempo de hacerse al ser. **Estudios Psicoanalíticos 2**, Madrid, 1994.

[10] Ibid., La carta robada y el vuelo sobre la letra. **Síntoma y nominación**, Buenos Aires, 2002. (Colección Diva)

[11] TENDLARZ, Silvia Dejar ser. In: **La práctica del pase**. Buenos Aires: Eolia-Paidós, 1996.

[12] LAURENT, Eric Du réel faire hazard. **Bulletin de l'ACF-Bordeaux**.

